

Instituto Socioambiental

fonte: O Liberal (Belém-PA) class.: 222

data: 28/01/93 pg.: _____

SECESSÃO

A insociabilidade do cacique Kubel, da aldeia Gorotire, e a avareza do cacique Payakan, da aldeia Aukre, determinaram um movimento de secessão na nação kaiapó, no sul do Pará. Kubel ficou malvisto entre muitos liderados seus por promover arruaças e espancar tanto índios como brancos quando está embriagado. Payakan é acusado de, uns tempo para cá, não vir dividindo comunitariamente os lucros provenientes da exploração de castanha-do-pará, cujo óleo é exportado para a Inglaterra, para a empresa Body Shop.

Por isso, cerca de 200 famílias, oriundas das aldeias Gorotire e Aukre decidiram fundar uma nova aldeia e já elegeram como cacique o jovem índio Pedro Aby, que entre os kaiapós é conhecido como Tabô Kayapó.

ALDEIA

Devidamente autorizado pelos seus súditos, Pedro Aby chegou a Belém há três dias para reunir-se com os membros da Ecotrópico, uma entidade formada por professores, técnicos e pesquisadores da Universidade Federal do Pará. Pedro quer receber estudos científicos para assentamento da nova aldeia, que se chamará Juari, por ficar às margens do rio com esse nome, no município de Ourilândia, a 180 quilômetros de Redenção.

Ele, que já foi vendedor de mogno, prega que os índios vivam à maneira tradicional, mas não descarta a garimpagem como meio de sustentar a nova tribo. Só que, de acordo com o cacique, o garimpo terá que ser explorado pelos próprios índios e com a utilização de aparelhos que evitem a contaminação do meio ambiente por mercúrio e lama.

JULGAMENTO

A situação na Aukre pode ficar pior a partir do dia 28 de fevereiro, data marcada para o julgamento, pelo Tribunal de Justiça do Estado, do mandado de segurança interposto pelos advogados de Payakan, dentro do caso da estudante Sílvia Letícia da Luz Ferreira, de 18 anos, que se diz estuprada pelo cacique. Caso o mandado seja negado, imediatamente a Justiça de Redenção vai concluir a instrução do processo para mandá-lo a julgamento.

A promotora de Redenção, Lúcia Bueno, acredita que os advogados do líder indígena estão apenas protelando, tanto que já pediram a transferência do processo para a Justiça Federal, argumentando que o índio é tutelado da União, uma condição recusada pelo juiz do feito, José Maria Teixeira do Rosário.

Se Paiakan for condenado, o que restar de sua aldeia até lá, terá que escolher um novo líder. Um forte candidato é Tiago, irmão de Irekran, mulher de Payakan, também acusada de participar do estupro de Sílvia Letícia.

ESTRANGEIROS

Desde que Paiakan foi acusado de ter estuproado a estudante Sílvia Letícia, a aldeia Aukre passou a ser visitada quase semanalmente por estrangeiros. A promotora Lúcia Bueno disse que muitos deles passam mais de uma semana na aldeia, enquanto o mesmo direito tem sido negado a brasileiros, inclusive jornalistas.

Ela tomou conhecimento de que os estrangeiros estariam estimulando os índios a exigir do governo brasileiro a ampliação de suas reservas. A promotora teme que esses visitantes sejam representantes de mineradoras e madeireiras estrangeiras, com a intenção de usar os kaiapós para se apropriarem das riquezas naturais da área. E estranha que ingleses e americanos fiquem tanto tempo no sul do Pará sem serem checados pelas autoridades brasileiras competentes.